

## 65. Os sexos e o comportamento: acaso ou natureza?

A análise dos papéis ou estereótipos dos sexos é muito complexa porque não é possível uma única definição de homem ou de mulher que englobe a generalidade de características, de mitos e de hábitos que os enformam em todas as culturas, credos, épocas e lugares.

Referir-nos-emos aqui à cultura cristã-judaico-ocidental por ser a nossa e porque se tem disseminado pelo mundo, contaminando culturas antes significativamente diferentes.

O comportamento dos sexos depende de factores biológicos: cromossomas sexuais — já se isolou o gene da masculinidade, o SRY — e hormonas produzidas pelo hipotálamo, a hipófise, as gónadas e as glândulas supra-renais, que especialmente durante a vida fetal e a adolescência vão moldar não só a forma do corpo mas também o seu comportamento.

Admite-se hoje que as modificações somáticas, por muito marcadas e espectaculares que sejam não têm mais importância quanto aos papéis dos sexos que outras que as acompanham a par e passo: as influências sociais — factores adquiridos, inextricavelmente ligados aos somáticos.

Quer isto dizer que os papéis dos sexos são também impostos pela sociedade tal como um papel teatral que se aprende e depois se desempenha.

Assim, mesmo ainda durante a vida pré-natal os pais já têm para o ser que se está a gerar preferências e opções quanto ao sexo, o nome, a profissão. Após o nascimento, a primeira pergunta é, em geral, relativa ao sexo. Depois, durante a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> infâncias a diferenciação dos sexos continua a exercer-se desde logo no modo como a mãe toca no

corpo do recém-nascido e, depois, nas cores das roupas, na maneira de falar e de brincar e no tipo de brinquedos. Na escola, os estereótipos sexuais continuam a ser inculcados nas crianças pela intervenção dos próprios manuais. Nos textos das selectas literárias as personagens masculinas são activas, agressivas, espontâneas, extrovertidas, empreendedoras, inteligentes e exercem uma ampla gama de actividades ao passo que as personagens do sexo feminino são amáveis, delicadas, prestáveis, submissas, compreensivas, reservadas, dissimuladas, meticolosas quanto à sua apresentação e objectos pessoais e não exercem qualquer profissão definida. Até os livros de História dão todo o protagonismo aos homens, deixando às mulheres — e isto inclui Joana d'Arc, vencida e mártir — um papel secundário, subordinado ou meramente decorativo.

Finalmente, na adolescência espera-se dos rapazes que sejam fortes e lutadores; que ajam com lógica e criatividade; que tenham com as raparigas relações coloridas de sexo; que se mentalizem para tomarem as iniciativas e para, mais tarde, assumirem as responsabilidades financeiras do agregado familiar. As raparigas serão ensinadas a usarem a astúcia e o artifício em vez de força; a agirem com intuição e emotividade; a preferirem brincadeiras imitadoras da vida do lar, mentalizando-se para nela executarem, mais tarde, a maioria das tarefas que, aliás, lhe estão exclusivamente reservadas; a contribuírem para uma pequena parte do orçamento caseiro.

Admite-se que os rapazes usam de preferência o hemisfério cerebral esquerdo, considerado o racional, ao passo que as raparigas usam de preferência o hemisfério cerebral direito, considerado o intuitivo e que, além disso, domina o vocabulário — mais rico nas raparigas —, o cálculo e os movimentos manuais que exigem precisão.

Os rapazes são educados para a vida profissional, as raparigas para o casamento e a maternidade. A prova disso é que os rapazes fazem planos profissionais à distância ao passo que as raparigas raramente planeiam as suas vidas profissionais para além do nascimento dos filhos.

Os rapazes têm mais uma função social, as raparigas têm mais uma função biológica.

Ao tomarem consciência de este afastamento das responsabilidades sociais as raparigas desviam a sua vida para o campo amoroso, ao qual atribuem um valor elevadíssimo.

A análise do comportamento sexual — acaso ou natureza? — leva a curiosas descobertas.

Nos rapazes, a fácil observação dos seus órgãos sexuais e das respostas eróticas cria um forte vínculo entre tensão genital e amor, a excitação é mais fácil, mais centrada em características físicas — nádegas, pernas, seios —, a libido é mais visual, o orgasmo mais precoce.

Nas raparigas, porque os órgãos sexuais estão escondidos e não são facilmente exploráveis, o vínculo entre tensão genital e amor leva mais tempo a estabelecer-se, a excitação é mais demorada, a libido é multi-forme e difusa mobilizando os cinco sentidos — um olhar, um odor, uma entoação de voz, um gosto especial, uma pressão de mãos — e num erotismo etéreo eleva-se a cumes de emoção e de sensação nunca atingidos pelos rapazes.

Por isso, nas raparigas a vida emotiva domina o instinto, as nascentes pulsões sexuais são mais geridas pelo *superego*, a sexualidade é mais espiritualizada, mais sublimada e de tal modo que, por vezes, até os sonhos e as fantasias são mais satisfatórios que a própria consumação. Embora a actividade sexual seja nos dois sexos igualmente indispensável à reprodução, nas raparigas essa actividade está ligada à gestação e à maternidade o que contribui para a tornar mais controlada, mais selectiva, mais inibida, mais rigorosa.

De tudo isto, resulta que sondagens provam que mais raparigas que rapazes considerem as relações sexuais precoces perigosas e impróprias para a idade ao passo que mais rapazes que raparigas as considerem agradáveis, necessárias e naturais.

Outras sondagens mostram que nas carícias superficiais as raparigas são mais experientes que os rapazes, invertendo-se a situação para as carícias profundas e para as relações sexuais.

Finalmente, quanto à emancipação da família nos rapazes o desejo surge mais tarde mas a revolta é mais intensa, levando, muitas vezes, ao corte de laços, ao passo que nas raparigas, porque as aspirações da vida conjugal e de maternidade são mais marcadas, a luta pela emancipação, embora mais precoce, permanece enquadrada na célula familiar.

As principais teorias para a explicação destas diferenças são a biológica, a psicanalítica e a social.

Para os partidários da teoria biológica o mecanismo seria principalmente hormonal o que é corroborado pela existência de uma relação

entre o comportamento homossexual e alterações anatómicas do hipotálamo.

Para Freud, a vida social e sexual das raparigas estaria dominada pela inveja do pénis, o seu pudor pela ferida genital — a vagina —, a sua passividade pela recepção que oferecem durante o acto sexual, ao passo que a agressividade dos rapazes resultaria da sua capacidade de penetração. Até o terminar do complexo de Édipo seria diferente: nos rapazes dar-se-ia por medo da castração, nas raparigas por medo de perderem o amor materno.

Porém, outros psicanalistas negam as ideias de Freud que acusam de serem baseadas em postulados cheios de subjectivismo, marcadas por preconceitos machistas e construídas sobre a análise de personalidades patológicas e a própria auto-análise do seu criador que, aparentemente, sofria de neurose de angústia.

Para os sociólogos, as diferenças de personalidade entre rapazes e raparigas não provém de factores genéticos, hormonais ou psíquicos mas sim de factores sociais, resultantes da condição feminina na dominadora sociedade patriarcal.

Qual será a evolução dos papéis sexuais?

Há quem sustente que a distinção entre sexos é relativamente recente na evolução da espécie humana, e que nas primitivas sociedades nómadas os homens e as mulheres tinham papéis idênticos e uma vida idêntica integrada no grupo.

Teria sido quando as sociedades passaram a viver sedentariamente que os papéis do homem e da mulher se começaram a separar — significado da palavra latina *sexus*.

Há, ainda, quem sustente que as novas gerações evoluirão para o desaparecimento desta separação que consideram *contra-natura*. Dar-se-á um paralelismo nos modos de pensar, de agir, de vestir, nas actividades profissionais e seus proventos, nas actividades sexuais, na hierarquia dentro da família, e, até, do ponto de vista anatómico, no apagar das diferenças entre caracteres sexuais secundários, com redução do desenvolvimento muscular nos rapazes e dos seios, nádegas e bacia nas raparigas. Nos casos extremos admite-se que as raparigas irão até à recusa da maternidade — um modelo inventado pelo homem para amarrar a mulher — sendo os bebés-proveta um primeiro passo nessa via.

Nada disto parece muito normal. Há milénios que todas as culturas sem exceção são moldadas na base de diferenças entre os sexos.

Todas as sociedades separaram papéis, tarefas e privilégios entre os dois sexos. Se isto um dia desaparecer, corremos o risco de deixar de saber quem somos pois a especificidade sexual foi, desde sempre, uma condição básica da saúde psíquica.

Verdade seja que nesta especificidade tem havido uma insofismável injustiça para com o sexo feminino. Mas para a combater e para que um dia se confirmem direitos e oportunidades iguais aos dois sexos não é necessário uniformizá-los. Não será mais certo em vez de falar em uniformidade entre os sexos, falar em complementaridade, evitando uma perigosa monotonia? O mais provável é que enquanto houver raça humana haja papéis sexuais. As raparigas têm qualidades específicas que associadas, quando se dá uma união, às qualidades específicas dos rapazes, permitirão que se atinjam metas mais ricas, mais felizes, mais positivas que as que se alcançariam se os dois sexos agissem uniformemente.

J. M. R. A.